

Os olhares dos artistas sobre a ilha no Arquipélago

“O olhar divergente – As Residências do Pico do Refúgio como património prospetivo” inaugura amanhã no Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas. Mostra o olhar de mais de duas dezenas de artistas sobre a ilha

RUI SOARES

RUI SOARES



No Arquipélago, prepara-se a exposição que inaugura amanhã

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

“Nós fizemos 24 residências, e a partir da décima, comecei a perceber o potencial de termos uma coleção em que o foco principal era sempre a ilha”. Luís Bernardo Brito e Abreu confessa que “este projeto começa a fazer muito mais sentido quando se reúnem os trabalhos, pois percebemos que o foco é algo que pensamos que já conhecemos muito bem – a nossa ilha –, e depois de repente temos vários olhares diferentes que nos fazem pensar”.

“Uns fizeram abordagens da parte social, da parte da memória, outros do território, outros da topografia”, diz o impulsionador do programa de residências artísticas do Pico do Refúgio, uma quinta do início do século XVII que é hoje uma unidade de alojamento turístico e uma plataforma de criação. Brito e Abreu diz, por isso, que considera “muito importante poder reunir o trabalho todo e haver um diálogo, um discurso entre as peças, e um percurso envolvendo o trabalho dos artistas” que, desde 2015, passaram pelo Pico do Refúgio.

É isso mesmo que será possível ver no Arquipélago: esta-

ção 65 obras, na exposição com curadoria de Miguel von Hafe Pérez. “O que temos na exposição é a coleção inteira [do Pico do Refúgio]”, e que resulta da obrigação dos artistas em residência deixarem um trabalho, “mais os trabalhos feitos nas residências que não ficaram na propriedade da coleção”, explica Luís Bernardo Brito e Abreu. “Os artistas foram super generosos, pois emprestaram trabalhos que fizeram aqui nos Açores, e que vieram de Lisboa ou outros sítios, ou que já cá es-

“Não faz sentido tentarmos replicar dinâmicas artísticas de uma grande cidade ou centro artístico aqui”

tavam em outras instituições”. “Uma grande parte destes trabalhos não foram mostrados, foram apenas apresentados nos Open Days [no fim das residências artísticas]”, diz. Contudo, também já houve outros expostos anteriormente – “as obras de Miguel Palma foram expostas na Galeria Fonseca Macedo e depois estiveram no MAAT, em Lisboa (com uma



Mostra reúne trabalhos dos artistas que passaram pelo Pico do Refúgio, nos últimos quatro anos

Exposição reúne 65 trabalhos das residências artísticas do Pico do Refúgio

Exposição reúne obras de artistas que fizeram parte do programa de Residências Artísticas no Pico do Refúgio, impulsionado por Luís Bernardo Brito e Abreu, desde 2015. São eles Ana Catarina Fragoço, Ana Catarina Pinho, Andrea Santolaya, António Júlio Duarte, Atelier de Lisboa, Carla Cabanas, Cláudia Varejão, Daniel Blaufuks, Duarte Amaral Netto, Graham

individual), e estão agora numa exposição internacional. Houve várias entrevistas a Graham Gussin em Londres, em que foram publicadas imagens dos trabalhos. O Márcio Vilela que não vem mas que vai ter uma grande representação na exposição inaugurou na semana passada no MNAC, no Chiado, o trabalho que iniciou na residência”.

Gussin, Gustavo Ciríaco, Hun Chung Lee, José Pedro Cortes, João Paulo Sera?m, João Valente, Maria Pita Guerreiro e Dion Soethoudt, Miguel Palma, Márcio Vilela, Pedro Vaz, Thurston Moore, Tito Mouraz e Valter Ventura, aos quais se acrescentam os nomes de Luís Bernardo Leite de Ataíde e de Luisa Constantina, num total de 65 obras em exposição.

Quatro anos depois de ter começado de forma espontânea – “as residências começaram a pedido dos próprios artistas que queriam vir aos Açores em troca de obras” –, “o programa foi-nos obrigando a pensar sobre qual é o nosso papel aqui nos Açores”, revela Luís Bernardo Brito e Abreu, para quem “não faz sentido tentarmos replicar dinâmicas

artísticas de uma grande cidade ou de um grande centro artístico aqui, porque será sempre uma tentativa de ser algo que não é”. No entanto, defende, “a criação no meio insular, num meio distante dos centros artísticos, pode ter o seu papel igualmente importante no meio artístico global. Há um pensamento cosmopolita, mas ligado ao local”.

O programa de residências artísticas terá pois continuidade. “Já temos residências marcadas até 2020, no molde em que estão agora”, diz, mas o seu objetivo é mudar o programa para prever a realização de “Open Calls”, de modo a que possa haver candidaturas (atualmente os artistas são convidados). E o projeto de ampliação das Casas de Campo que está a ser ultimado prevê ainda oficinas, para que seja possível ter mais artistas plásticos em residência artística. ♦